

CASA FORA DE CASA - TÁTICAS URBANAS Práticas no Espaço Público

FARIAS, ANA C. C.

Universidade Federal de Goiás. Mestranda no Programa Projeto e Cidade.
Endereço: Rua 17, nº75, St. Oeste, Goiânia/GO, 74140-050
carol@sobreurbana.com

RESUMO

O alcance da comunicação globalizada tem partilhado, nas últimas décadas, diversas experiências de práticas sociais criativas que reivindicam os espaços públicos das cidades. Essas práticas promovem, no fundo, um maior envolvimento e uma participação mais verdadeira das pessoas nos processos de construção de espaços públicos. Diversos autores já a partir de meados do século XX tem denunciado a insuficiência da instituição do planejamento urbano (NESBITT, 2008) na promoção do acesso e partilha do bem comum. Debord e os Situacionistas propuseram, no contexto dos movimentos de contracultura entre as décadas de 1950 e 1970 uma prática urbanista mais participativa, no sentido de se utilizar da cidade atual para a construção da cidade futura (JACQUES, 2003). Os estudos de Certeau (1998) sobre as táticas do cotidiano são importante referência para o que é chamado hoje de Urbanismo Tático – práticas sociais criativas realizadas por cidadãos que de alguma forma resistem às investidas estratégicas do poder dominante. Tais práticas são importantes experiências para a atualização dos processos de projeto urbano. Nesse sentido, este artigo vai demonstrar a experiência do projeto *Casa Fora de Casa – Táticas Urbanas*, que utiliza de oficinas artísticas, ferramentas de *placemaking* e de *design thinking* enquanto táticas para envolver pessoas num processo de produção de ideias e de intervenções em espaços públicos. Acredita-se que práticas como essas são importantes experiências para aproximar o trabalho do urbanista à cidade real e construir melhores processos participativos em planejamento e projeto urbano.

Palavras-chave: Urbanismo Tático, *Placemaking*, *Design Thinking*, Espaços Públicos, Casa Fora de Casa.

Introdução

Atualmente uma grande diversidade de ações são pautadas pelas disputas urbanas que pretendem revalorizar os espaços públicos das cidades, sejam as praças, ruas ou parques, enquanto espaços de convivência e de partilha do bem comum.

A afirmação do planejamento urbano estratégico enquanto *modus operandi* mundo afora também afirmou a necessidade de contraposição a essa prática, pelo esvaziamento que ela provoca nos espaços públicos enquanto espaços para a atuação cidadã (VAINER, 2000).

A sociedade do espetáculo e individualista a que estamos acostumados a viver, como já denunciavam os Situacionistas em meados do século XX, imprime uma falsa pacificação à experiência urbana (DEBORD, 1967). De dentro de automóveis climatizados e sonorizados, acostumamos a ver a cidade pela janela.

Da produção controlada e estratégica das cidades pelos meios oficiais de se fazê-lo – a gestão urbana dos políticos, o planejamento dos técnicos e a financeirização de tudo pelo capital – importa voltar a atenção aos movimentos rebeldes de ressignificação da cidade, tanto na reinvenção de seus usos como em seus meios de produção. Importa-se voltar para o reconhecimento e valorização da cidade enquanto 'bem comum'. Para isso, é fundamental aproximar a atuação do urbanista à pequena escala dos espaços, de modo a ser possível confrontar com os detalhes que fazem o cotidiano das pessoas que ali habitam.

É neste anseio que se insere o projeto *Casa Fora de Casa – Táticas Urbanas* ao promover, ao longo de três meses, uma série de encontros com a comunidade para *re imaginar* os espaços públicos da cidade e realizar intervenções em quatro áreas verdes do Setor Sul, bairro da cidade de Goiânia.

Assim, o projeto oferece uma experiência de comunhão de ideias tanto para o reconhecimento dos espaços públicos que temos, como para a criação de novas possibilidades para a eles, segundo desejos compartilhados. É uma possibilidade de fortalecimento do sentimento de pertença e da ação cidadã. E é também uma atualização da prática de projeto urbano.

Acredita-se no potencial que essas intervenções temporárias tem de produzir marcas permanentes na cidade, segundo demonstram as experiências de Fontes (2012). São intervenções ancoradas no lugar, que mais do que nos aspectos físicos do espaço, interferem na memória coletiva e nos afetos dos envolvidos.

Intervenções temporárias, ocupações, ações políticas e artísticas, são táticas urbanas capazes de romper o controle do planejamento, dos rígidos processos de gestão e controle sobre os espaços públicos, expressões de coletividades. Táticas como as astúcias que os mais fracos precisam engendrar contra o poder dominante (CERTEAU, 1998). Ações promovidas por cidadãos agora produtores do espaço urbano, num movimento *bottom-up* (de baixo para cima), contrário ao tradicional planejamento urbano imposto de cima para baixo (DI SIENA, 2014).

Assim, este artigo vai demonstrar a experiência do *Casa Fora de Casa* na primeira das quatro áreas de atuação do projeto. Pretende-se com isso demonstrar a aplicação de um processo de intervenção e avaliar seus erros e acertos. No mínimo, acredita-se na potência poética atingida com a presença de corpos em áreas públicas usualmente esvaziadas.

Revisão Bibliográfica

O urbanismo moderno - tecnocrata, baseado no zoneamento e condicionado pela complexidade da infraestrutura viária - que marca as cidades atualmente, e as ações estratégicas do planejamento urbano voltado para os grandes mercados, são marcados pelo esforço de projeção de uma imagem de cidade e vida urbana hegemônicas, encomendada por políticos e elaborada por intelectuais, a serviço do capital global (VAINER, 2000).

No entanto, esse esforço é falho no sentido de promover o convívio e a justa partilha do comum entre as pessoas que, no fundo, são entendidas nesses processos de planejamento apenas como objeto e não como sujeitos (MARICATO, 2000).

Freitag (2002) alerta para a persistência da herança sociológica e política do passado sobre as intenções racionais e igualitárias do 'criador' do espaço urbano. É ilusório acreditar que a simples remodelação espacial vai milagrosamente produzir novos modos de habitar. É desafio do urbanista sugerir ou possibilitar urbanidades – condições do urbano, interações entre o ambiente construído e as pessoas. Mas seu trabalho será mais eficiente se conseguir fazê-lo a partir das pré-existências, dos costumes e expectativas das pessoas, e das materialidades do lugar de intervenção.

Jacobs (2009) já alertava em meados do século XX para os prejuízos que as imposições do planejamento urbano traziam às cidades, especialmente a triste consequência de se tratar os espaços livres e públicos como resíduos sem propósito e muitas vezes sem uso. Para combater práticas como essas a autora propôs a adoção de "Táticas Diferentes", que

pretendia, entre outras coisas, incluir as pessoas comuns nos processos de planejamento e projeto urbano. Pretendia, também, ultrapassar a abstração das estatísticas ao trabalhar de forma indutiva e a partir das particularidades reais e locais dos fatos urbanos.

Outra voz crítica ao urbanismo moderno, naquela mesma época, foi da Internacional Situacionista, movimento artístico e político que irradiou por toda Europa a partir da França, entre as décadas de 1950 e 1970. Constatando que viviam o que chamaram de “Sociedade do Espetáculo” – a passividade das pessoas frente a paisagens criadas para serem consumidas e não vividas - propuseram, em negação a essa concepção estática da cidade, a ideia de “Urbanismo Unitário” (JACQUES, 2003).

A alternativa proposta pelos Situacionistas se fincava na ideia de se construir a cidade a partir da experiência do terreno e de suas construções, explorando o cenário atual de forma lúdica até construir novos cenários. Buscava usar a cidade como um palco e tornar o cidadão em um ator protagonista, ao invés de mero espectador (JACQUES, 2003).

A partir dos escritos Situacionistas, de Certeau e outros autores, Jacques (2006) sugeriu a possibilidade de um “urbanista errante”, propondo uma nova postura para o urbanismo enquanto disciplina e prática. O urbanista errante seria aquele mais interessado nas práticas, ações e percursos do que nos mapas, representações gráficas, desenho e imagem.

Neste contexto, as táticas urbanas podem possibilitar formas de resistência frente à hegemonia da produção capitalista do espaço urbano. Práticas verdadeiramente abertas à participação, tendo-a por meio e fim, diferente da participação perseguida para cumprimento de meras exigências legais. Uma possibilidade de construção de subjetividades outras, que não aquelas que pretendem manter as pessoas na condição de consumidores.

Certeau (1998) define como ‘tática’ a arte do fraco que age dentro do campo inimigo sob a vigilância do poder proprietário. Depende mais do tempo e da capacidade de um sujeito, que não se distingue da visão do outro, em transformar acontecimentos em ocasiões, tendo como síntese intelectual não o discurso, mas a decisão – a ação.

No contexto urbano, as táticas representam alguma subversão ao sistema imposto pelas regras e controle social que o planejamento e gestão oficiais e convencionais trazem consigo. Segundo Lydon (2012), os taticistas adotam práticas sociais criativas de apropriação coletiva e voluntária de espaços públicos executadas sob a tríade ‘mais rápido, mais barato e mais fácil’. Autorizadas ou não, essas ações táticas aparecem como uma

possibilidade de experimentação de ideias antes de serem definitivamente implantadas e estimulam o engajamento cívico.

Diversas ferramentas e linguagens são úteis enquanto táticas. A arte urbana engajada, por exemplo, é uma interessante possibilidade de participação social e construção partilhada de utopias, como atestado pelas pesquisas de Fontes (2012). Observando o desenrolar de projetos de arte urbana de continuidade, a autora concluiu que tais ações artísticas contribuem para o resgate ou reinvenção de espaços públicos na cidade e potencialmente criam conexões entre as pessoas e esses espaços, além de conexões entre as próprias pessoas.

Há também ferramentas como as difundidas pelos *placemakers* do PPS – *Project for Public Spaces*. O PPS é uma organização não governamental americana criada na década de 1980 para difundir o conceito de *placemaking* – a criação de lugares ao invés de espaços, que se dá através da inserção da comunidade no centro dos processos de planejamento e projeto. Seu arcabouço teórico parte dos estudos de Whyte (1980) e de outros autores, voltados para as questões do desenho urbano a partir da vida social nos pequenos espaços públicos.

As ferramentas compartilhadas pelos *placemakers* – questionários, jogos interativos, formatos de levantamentos – dialogam com o conceito de *Design Thinking*, abordagem de projeto que tem como pilares a empatia, a colaboração e a experimentação (PINHEIRO, ALT, 2011). Baseado no conceito de *Human Centered Design*, ou seja, o design focado no usuário, enxerga-o como o foco de todo projeto, para que este seja mais relevante e faça mais sentido no dia a dia das pessoas.

Em Goiânia / Brasil, um estúdio de intervenções urbanas chamado Sobreurbana, do qual esta autora é sócia fundadora, tem utilizado algumas dessas ferramentas em diversas atividades com o objetivo de reivindicar e ocupar os espaços públicos da cidade.

Suas ações partem da cultura da colaboração e do trabalho em rede, da vivência em coletivos, unindo esforços e corpos de diversos artistas, empreendedores e projetos com objetivos afins. Nesse sentido ‘de baixo para cima’, atua pela cidade com uma postura propositiva, ou seja, cria suas próprias demandas a partir da observação das carências e potencialidades dos espaços públicos vividos cotidianamente. Para viabilizar suas ideias precisa costurar as parcerias necessárias, como no caso do projeto *Casa Fora de Casa*, demonstrado a seguir.

Ferramentas

É a partir dos conceitos de Urbanismo Tático, *Placemaking* e *Design Thinking* que o projeto *Casa Fora de Casa* elabora seu discurso e propõe sua forma de ação. O objetivo do projeto é reivindicar os espaços públicos da cidade e nesta primeira edição tem como foco as áreas verdes do Setor Sul, em Goiânia, bairro onde está situada a Sobreurbana, portanto onde ela vive cotidianamente e já realiza algumas de suas atividades.

Vale dizer que o Setor Sul, cujo projeto teve inspirações no modelo de cidade-jardim mas seu processo de ocupação resultou em uma grande quantidade de áreas verdes subutilizadas, tem grande potencial para investigação tanto sobre a estratégia da ação planejadora que o criou quanto sobre a apropriação tática de seus ocupantes. Para abranger a diversidade do bairro foram eleitas quatro áreas como campos de ação, localizadas em diferentes sub-regiões, conforme identificadas na Figura 1.



1 – Praça Wilson Valente Chaves (conhecida como Praça da Cora Coralina).

2 – Praça do Martim Cererê (não possui nome oficial).

3 - Praça Maria Angélica da C. Brandão (conhecida como Bacião das Artes).

4 - Praça 29 ou Espaço Cultural Prof. Augusto da Paixão Fleury Curado.

Figura 1 – Identificação das áreas de ação do projeto. O contorno delimita o território do Setor Sul e as cores definem sub-regiões, segundo suas características comuns (ocupação do solo, padrões construtivos, atividades econômicas). Fonte: Imagem adaptada pela autora do *Google Maps*, 2016.

O processo de intervenção se estrutura em dois eixos: as ações nos espaços públicos previamente definidos e as atividades paralelas, concebidas para dar suporte às ações realizadas em campo: Oficinas de Educação Patrimonial, Vídeo de Bolso e Serigrafia.

O processo participativo de intervenções nos campos de ação percorre os seguintes passos, chamados pelo projeto de ENCONTROS: aproximação ao campo de ação (encontro de desenho), reconhecimento e ideação, limpeza da área de trabalho, realização das ideias e

celebração do trabalho, avaliação da produção e encerramento festivo (Figura 2). Espera-se com esses encontros promover uma experiência lúdica no espaço urbano e colocar o cidadão em um papel de protagonista tanto para pensar e decidir como para agir sobre o espaço. São táticas para um urbanismo errante, pois tem como base e objetivo principal a experiência do espaço público, mais do que sua transformação física e definitiva.

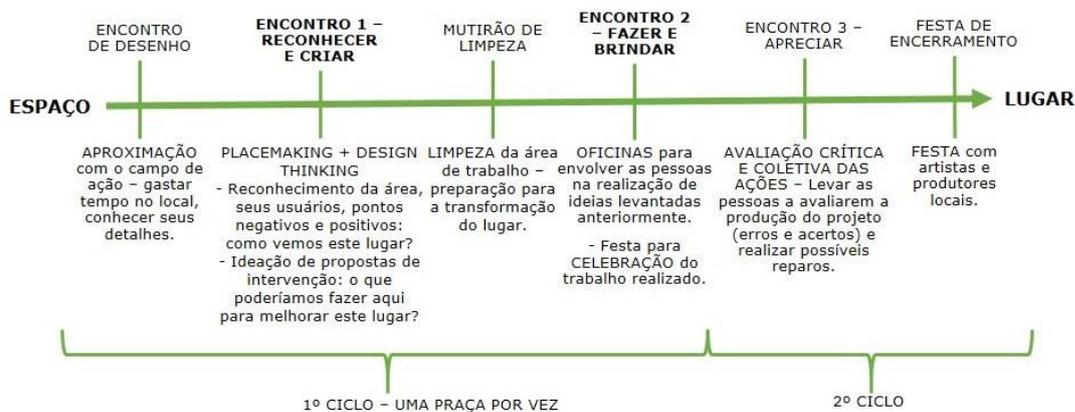


Figura 2 – Sequência de encontros programados para os campos de ação do projeto *Casa Fora de Casa*. Esquema elaborado pela autora, 2016

Antes de iniciar as ações, interessa conhecer melhor o cotidiano das áreas eleitas. Para tanto definiu-se a utilização de duas ferramentas de *placemaking*: a contagem simples de pessoas que passam pela área e a observação do uso (atividades desenvolvidas – sentar, esperar, comer, estacionar...) e do usuário (idade e gênero). O objetivo dessa pesquisa é entender quem usa tais espaços públicos e o que essas pessoas fazem nesses lugares.

Os Encontros 1 e 2 concentram as atividades mais decisivas do projeto. No Encontro 1 estão previstas as seguintes ações: mapeamento de coisas boas, coisas ruins e de observações sobre o uso do lugar; avaliação sobre a qualidade do lugar enquanto espaço público; levantamento das potencialidades do lugar; levantamento de ideias para as intervenções desejadas.

Para a realização das ideias levantadas no Encontro 1, o Encontro 2 reúne cinco oficinas que integram diversas linguagens artísticas. São elas: marcenaria para mobiliário urbano temporário; arte urbana com papel; arte urbana com aproveitamento de tecido; rotas e sinalização; e música a partir de instrumentos fabricados com material reciclado. Para celebrar o trabalho realizado, uma jam session de música e dança encerra o dia.

O 1º ciclo concentra as ações praça por praça em finais de semana seguidos até o Encontro 2. O 2º ciclo compreende o Encontro 3, previsto para acontecer depois de finalizadas todas as áreas, de modo a possibilitar um tempo de uso das estruturas criadas antes de avaliá-las, além da grande festa de encerramento. Também está prevista a disponibilização de todo o processo em *e-book* para permitir e estimular a replicação do projeto em outros lugares e por outros agentes, potencializando seu caráter de trabalho em rede e colaborativo.

Como estratégia de comunicação foram elaborados site próprio, perfis em redes sociais, amplo material gráfico, além da assessoria de comunicação e imprensa para viabilizar a exposição do projeto nas mídias de massa locais.

Para a comunicação com os vizinhos das áreas de ação foi destinada no projeto uma equipe chamada de “Mobilização Comunitária” que teve como tarefa a realização de entrevistas com os moradores, funcionários de estabelecimentos comerciais, estudantes, usuários dos espaços. O conteúdo dessas entrevistas foi elaborado de acordo com o *Net Promoter Score* – NPS, outra ferramenta de *Design Thinking* usada para avaliar o nível de satisfação de determinado público-alvo. O objetivo aqui é apresentar o projeto aos vizinhos das áreas, engajá-los nas ações e mediar possíveis conflitos.

Casa Fora de Casa – Tecendo Encontros no Espaço Público

Este artigo compartilha a experiência do *Casa Fora de Casa* com o primeiro ciclo de atividades em seu primeiro campo de ação, a Praça Wilson Valente Chaves, mais conhecida como Praça da Cora Coralina. Inevitavelmente o primeiro passo para fora de casa, já que a Sobrurbana situa-se em seu perímetro.

Aproximadamente um mês antes do início dos encontros começou-se a realizar as pesquisas prévias de observação sobre o uso do local. Das quatro áreas eleitas para o projeto, esta é a que mais recebe a circulação de pessoas, mas poucas param nela. Quando param, é para se proteger à sombra, geralmente em pé e na calçada da rua, sem adentrar a praça, pela precariedade de seu mobiliário e falta de atrativos. Não há predominância de gênero nem de grupos sociais. Nas entrevistas realizadas com moradores do local foram resgatadas memórias de tempos idos quando a praça era bastante utilizada para brincadeiras de crianças. Hoje os imóveis lindeiros a ela são predominantemente comerciais.

Às vésperas do início dos encontros, foram instalados painéis interativos em cada uma das praças, questionando aos passantes sobre o que eles gostam e o que eles não gostam no lugar. Todos esses dados colhidos previamente (painéis, entrevistas, observação de uso) foram apresentados durante o Encontro 1 – Reconhecer e Criar, mas somente depois de os participantes fazerem sua própria avaliação do espaço, sem nenhuma impregnação técnica.

O primeiro gesto de 'sair para fora de casa' foi o 'esquecimento' de um banco na praça, produzido anteriormente pela Sobreurbana. O novo objeto criou na praça uma âncora para novos encontros e um convite para os passantes adentrarem seu recinto.

A programação do *Casa Fora de Casa* foi construída agregando iniciativas e projetos que já se desenrolam pela cidade, conseguindo assim ampliar o público interessado. Abrindo os trabalhos, o projeto trouxe o *Sketchcrawl*, um movimento internacional que propõe a utilização de espaços públicos para encontros de desenho de observação. A atividade de desenho é uma boa ferramenta para a apreensão de detalhes do campo de ação e para a experiência de estar, já que exige um tempo de permanência maior que o exigido para uma fotografia.

A experiência do *Encontro 1 - Reconhecer e Criar* nesta primeira praça foi importante para afinar a sequência e os objetivos das atividades previamente definidas. Um dos pontos foi a tendência propositiva dos participantes em dar logo soluções para as deficiências do espaço, ainda na atividade de mapeamento. Vale reforçar para as áreas seguintes a importância de uma ampla leitura do lugar, inclusive em seus aspectos mais sensíveis, orientando para que os participantes se ocupem, nesta etapa, em somente absorver a área de intervenção.

Outro aprendizado importante nesse encontro foi a necessidade de se costurar, na etapa de ideação, visões coletivas ou objetivos maiores de trabalho que unificassem as propostas posteriormente trabalhadas em grupo. Assim, para as áreas seguintes foram acrescentadas duas dinâmicas de *Design Thinking*: a Matriz CSD, que reúne as Certezas, Suposições e Dúvidas sobre o local e o Diagrama de Afinidades, que reúne em temas afins as questões levantadas na CSD. Desta forma será possível, nas próximas áreas, que os grupos, mesmo trabalhando separadamente tenham uma visão construída coletivamente.

Ao final da etapa de ideação os grupos apresentaram suas propostas e estas foram organizadas em dois tipos: aquelas identificadas como ações táticas, de curto prazo e possíveis de serem executadas pelo grupo; e aquelas que dependem de arranjos estratégicos, mais recursos e parcerias de médio a longo prazo para se viabilizarem. Para melhor orientar a produção das oficinas e a expectativa de trabalho dos participantes, a

partir da segunda praça acrescentou-se a esta etapa a listagem de materiais necessários para as intervenções, habilidades disponíveis entre os participantes e as parcerias desejadas.

O encontro foi encerrado com um longo e sensível abraço coletivo e, na manhã seguinte, os participantes se reuniram na praça novamente para o mutirão de limpeza, etapa de importante valor simbólico. Limpar o espaço de sua imagem de abandono e de sujeira. Cuidar da praça como se fosse seu quintal. Embora a atividade envolva um trabalho mais pesado, teve um público maior que o esperado.

Para a produção das oficinas do *Encontro 2 – Fazer e Brindar*, foi elaborado um quadro tabulando as demandas levantadas no mapeamento da área e as propostas de intervenção, estas divididas entre táticas e estratégias. Desta forma, os ministrantes das oficinas puderam planejar sua produção de acordo com as ideias discutidas no encontro anterior. Também para satisfazer essas ideias, foram produzidas duas atividades extras: um mutirão para plantio de mudas ornamentais e árvores de porte, e um mutirão de agrofloresta.



Figura 3 – Imagens da produção das oficinas na Praça 1. Fotos: Polli di Castro, 2016.

Além do plantio, foi possível produzir na primeira praça (Figura 3): placas de sinalização e comunicação, além da criação de uma rota de bicicleta que atravessa todo o bairro explorando suas áreas verdes; coberturas com tecido; revestimento de uma árvore com crochê; luminárias de papel, utilizadas no cenário da festa de celebração; instalação de uma geladeira reutilizada e caracterizada como ponto de troca de livros; ensaio de um bloco de

percussão com materiais reaproveitados; e um mobiliário de madeira para brincadeira de crianças e assentos, finalizado posteriormente.

O encerramento das atividades com o momento festivo foi essencial para a confraternização, a apreciação do trabalho realizado, a aproximação dos participantes com os moradores e passantes curiosos. Música, dança e brincadeiras no espaço público definitivamente contribuem para enriquecer a experiência de cidade.

Considerações

O projeto *Casa Fora de Casa* conta com o patrocínio do Fundo Estadual de Cultura de Goiás e com o apoio institucional da Prefeitura Municipal de Goiânia. Por isso, teve seu processo de intervenção definido com bastante antecedência para sua inscrição no edital de incentivo. No entanto, foi importante ter permanecido aberto a todos os ajustes necessários.

O primeiro deles foi em relação ao tempo. Inicialmente previsto para que os encontros acontecessem ao longo de uma tarde, a programação foi esticada para que durassem o dia inteiro, para melhorar a capacidade de produção das oficinas. Ainda assim, oficinas como a de marcenaria, por exemplo, tem o grande desafio de produzir bons resultados em somente um dia de trabalho. É importante que o projeto consiga finalizar peças posteriormente às oficinas, quando necessário, e realizar pequenos reparos e manutenções. Vale atentar-se para o potencial dessas construções enquanto protótipos para testar renovadas ideias.

O tempo é uma dimensão importante no projeto. Para que realmente possam atingir alguma mudança de longo prazo é fundamental que as ações não se encerrem ao final do programa mas que, de alguma forma, tenham continuidade e possam reforçar as conexões criadas.

Algumas intervenções dependem de acompanhamento e gestão para terem adesão. Quase um mês depois de realizadas as ações na Praça da Cora Coralina a 'geladeira biblioteca' foi misteriosamente retirada do local. Ela ainda não tinha recebido livros, nem nenhum dispositivo de comunicação que informasse do que ela se tratava e, portanto, para quem não participou da ação ela talvez não representasse mais do que uma estranha geladeira vazia na praça. Há que se evitar mal entendidos como esses.

É preciso atentar-se para a linguagem utilizada na condução dos trabalhos para alcançar a participação de pessoas que não necessariamente terão um vocabulário de projeto ou de urbanismo, e que talvez nem tenham grande experiência em atividades em espaços

públicos. Esse é um grande aprendizado enquanto processo de projeto urbano participativo. Mas não é só de 'projeto' que se trata o *Casa Fora de Casa*.

Seu maior desafio é envolver as pessoas, especialmente os moradores do entorno imediato das áreas trabalhadas. Felizmente a adesão dos vizinhos tem sido crescente. Estão participando das ações e, inclusive, fornecendo alguma infraestrutura a elas, como água, energia elétrica, local para depósito de materiais, etc. O vizinho que chama o outro.

A presença lúdica e vibrante de corpos em movimento por essas praças tem aguçado o sentido de pertença e cuidado nas pessoas que deparam-se com suas cenas. Dali surgiram interessantes conexões entre moradores do bairro, reanimando organizações de outras áreas e de outros bairros que já estudam a possibilidade de replicar as ações em suas vizinhanças.

Por fim, a escrita deste artigo foi muito útil para a melhoria da condução do projeto para os próximos campos de ação. O exercício de registrar, de avaliar as atividades e seus resultados para compor esta peça acadêmica exigiu reflexões que certamente aprimoram o processo de intervenção proposto, suas formas de registro e de comunicação. Também ajudou na preparação do *e-book* que registrará todo o processo e compartilhará a experiência em rede, em código aberto. Uma experiência que puxa a outra e aos poucos reanima resistências.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DI SIENA, Domenico. Tactical Urbanism. *Urbano Humano*, 2014. Disponível em <<http://urbanohumano.org/p2purbanism/tactical-urbanism/>>, acesso em 30/05/2016.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. In: *Arquiteturarevista*. Vol. 8, n. 1, p. 31-48. São Leopoldo: Unisinos. 2012.

FREITAG, Barbara. *Cidade dos homens*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002, p.19-37.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 2. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade / Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. In: JEUDY, Henri Pierre, JACQUES, Paola B. (Orgs.). *Corpos e cenários urbanos: territórios e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-FAUFBA, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo? In: *Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura*, Salvador, v.1, n.8, julho/dezembro de 2003.

LYDON, Mike (org.). *Urbanismo Tático 2 – Ação a curto prazo / Mudança a longo prazo*. Miami/New York, The Street Plans Collaborative, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/kXf9E1>>, acesso em 13/09/15.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Planejamento urbano no Brasil. IN: ARANTES, Otília B. Fiori, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, pág. 121 a 192.

PINHEIRO, Tennyson; ALT, Luis. Design Thinking Brasil. *Empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2011.

VAINER, Carlos B. Pátria, Empresa e Mercadoria – Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. IN: ARANTES, Otília B. Fiori, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, pág. 75 a 104.

WHYTE, William H. *The Social Life of Small Urban Spaces*. Washington, D.C: The Conservation Foundation, 1980.